



SENTIDOS DO TRABALHO DOS COVEIROS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Isabel de Santana Iraha¹
Stéfany Cruz Silva²
Patrícia Pinto de Paula³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir criticamente sobre os resultados da pesquisa realizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PROBIC PUC Minas em 2013/2014. Buscou-se construir uma compreensão dos sentidos que os coveiros dão ao seu trabalho a partir de relatos desses profissionais e possíveis correlações entre subjetividade e trabalho. Essa pesquisa teve o intuito de contribuir com as produções acadêmicas sobre os coveiros, por se tratar de uma categoria pouco estudada e promover uma reflexão sobre o universo de atuação e a invisibilidade social desses profissionais. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e o instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Foram realizadas quatro entrevistas com coveiros de dois cemitérios de Belo Horizonte. À luz da análise de conteúdo elaborou-se a discussão dos resultados, dos quais se destacam: a invisibilidade social, reconhecimento entre colegas de trabalho como fator motivador de permanência na profissão e riscos à saúde da categoria.

PALAVRAS CHAVE: Trabalho dos coveiros; Trabalho e subjetividade; Psicodinâmica do trabalho.

ABSTRACT: This article aims to critically reflect on the results of the research conducted by Institutional Scholarship Program for Scientific Initiation – PROBIC (acronym in portuguese) PUC Minas in 2013/2014. It sought to build an understanding of the meaning that the gravediggers give your work from accounts of these professionals and possible correlations between subjectivity and work. This research aimed to contribute to the academic papers production on the gravediggers, because it is a job category that is poorly studied and promotes a reflection on the world of their work and the social invisibility of these professionals. The methodology used was qualitative research and the data collection instrument used was a semi-structured interview. Four gravediggers of two cemeteries of Belo Horizonte were interviewed. In the light of the content analysis it was elaborated the discussion of result, which were: the social invisibility, recognition among co-workers as a motivating factor to stay in the profession and health risks in the category.

KEYWORDS: Work of Gravediggers; Work and subjectivity. Psychodynamics of work.

1 INTRODUÇÃO

Diariamente convivemos com profissionais de diversas áreas de atuação e são poucas as vezes que nos atentamos para o trabalho que está sendo exercido por eles. Desde o momento em que saímos de casa, o trabalho de terceiros influencia nossa caminhada. A limpeza das ruas, os meios de transporte públicos, porteiros das instituições, ou seja, para cada serviço que utilizamos em nosso cotidiano é necessário à ação ou trabalho de um terceiro.

Dentre as várias situações vivenciadas por nós ao longo da vida, encontra-se o serviço dos coveiros. Comparada às profissões mais populares, podemos dizer que é um trabalho de cunho peculiar uma vez que sua presença está relacionada com a morte de um conhecido ou ente querido, ou seja, em situações que em sua maioria são complicadas ou dolorosas por

¹ Graduada em Psicologia pela PUC Minas. isabel.iraha@sga.pucminas.br

² Graduada em Psicologia pela PUC Minas. stefanycpsico@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela USP. Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. patriciapintodepaula@gmail.com.br

quem as vivenciam. Pode-se então destacar que, às vezes, nesses momentos de velório temos um outro olhar para os coveiros, pois seu trabalho passa a ser “visível” para nós, o que não acontece em outras situações. Não é usual pensar na representatividade desses profissionais em nossas vidas, é uma profissão considerada por estudos em Psicologia do Trabalho e áreas afins, como invisível socialmente.

A questão da invisibilidade social pode ser retratada de acordo com o que Fernando Braga Costa apresenta em sua tese sobre garis:

A invisibilidade pública – construção social e psíquica- tem a força de ressecar expressões corporais e simbólicas dos humanos então apagados. Pode abafar a voz e baixar o olhar. Pode endurecer o corpo e seus movimentos. Pode emudecer os sentimentos e fazer fraquejar a memória. Faz esmoecer- em todos esses níveis- o poder da aparição de alguém. A invisibilidade pública é fundada e mantida por motivações sociais e psicológica, por antagonismos de classes mais ou menos conscientes, mais ou menos inconscientes. (COSTA, 2008, p. 16)

Ao contexto exposto acima, somam-se as condições de trabalho no interior de um cemitério, na lida com restos mortais e com as covas para o sepultamento do corpo em óbito que são muitas vezes nocivas à saúde tanto física como mental. Não há treinamentos ou instrumentos adequados para realizar o enterro e a exumação dos corpos nesse trabalho. Segundo Pêgas e colaboradores (2009) os coveiros não possuem vestimentas apropriadas, tem contato direto com os líquidos dos túmulos e usam veneno sem proteção adequada. Ficam expostos ao sol sem uso de protetor solar, aumentando as chances de desenvolverem câncer de pele, além dos movimentos repetitivos. Sem contar os desgastes psicológicos advindos destas atividades que são vistas como repugnantes em nossa sociedade. Barros e Silva (2004) afirmam em seu estudo “O trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte”, que os trabalhadores podem incorporar tais significados ao seu trabalho e por isso pode acarretar pouca realização profissional. Entretanto, não podemos deixar de ressaltar que este é um trabalho que contribui diretamente para questões de saúde pública e nos momentos críticos que envolvem o sepultamento.

Enquanto estudantes de psicologia, ao longo das disciplinas relacionadas à Psicologia Social e Psicologia do Trabalho levantamos questões sobre a saúde mental desses trabalhadores. Começamos a refletir como se davam as relações desses profissionais na sociedade, que representação tem esse trabalho para eles, que influências teriam sobre a saúde física e mental desses sujeitos, dentre outros. Dessa maneira, seria possível entender um pouco mais da esfera desse trabalhador, mais especificamente do ponto de vista da psicologia, como seu trabalho afeta sua subjetividade e quais as possíveis consequências. Assim, poderiam surgir possibili-

dades de reflexão sobre melhorias quanto ao reconhecimento deste trabalho e apontamentos em relação ao que ainda é preciso ser modificado.

Teve-se como objetivos: compreender os sentidos do trabalho para o coveiro a partir de relatos desses profissionais; conhecer o trabalho dos coveiros a partir de observações; analisar quais são as queixas mais recorrentes em relação ao trabalho realizado; analisar como os coveiros lidam com as dificuldades que advém do seu trabalho; e por fim potencializar, a partir da publicação deste artigo científico, maior visibilidade do trabalho da categoria dos coveiros.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi qualitativa que, de acordo com Minayo (1994), lida com um nível de realidade que não pode ser quantificada, pois trabalha no mundo dos significados das ações e relações humanas que não são captáveis em equações, médias e estatísticas. Sendo assim, foi utilizado como técnicas para coleta de dados, a entrevista semiestruturada e para análise e interpretação dos mesmos, foi utilizada a análise de conteúdo. Nestas entrevistas foram recolhidos dados em relação à idade, escolaridade e gêneros dos sujeitos e informações sobre a organização do trabalho, em quais condições ele é realizado e quais são as perspectivas e os sentidos para os trabalhadores em relação às atividades laborais realizadas, possibilitando assim a obtenção de dados para analisar e abrir uma discussão e reflexão sobre o cotidiano e a saúde mental desses trabalhadores.

Os relatos das entrevistas foram organizados e analisados sob a ótica da Psicodinâmica do trabalho, considerando que é uma abordagem das relações entre trabalho, subjetividade e saúde mental que enfatiza as vivências de prazer e sofrimento no trabalho, estratégias singulares e coletivas de defesa. Essas relações, para a psicodinâmica do trabalho, são acessadas através dos relatos dos trabalhadores sobre suas vivências no trabalho, perspectiva que vai ao encontro da proposta de pesquisa qualitativa apresentada anteriormente, e consonante aos objetivos da mesma.

Já a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que permite descrever e interpretar os dados obtidos. Compreendemos, portanto, como uma ferramenta que possibilita “reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 30).

Para promover a contextualização dessa pesquisa, faz-se necessário observar que em Belo Horizonte existem oito cemitérios, sendo quatro deles municipais e quatro particulares,

tendo em média 59 coveiros trabalhando nesses locais. Dentre estes, foram selecionados então dois cemitérios para realizar as entrevistas: o Cemitério do Bonfim e o Cemitério da Paz. Ambos são municipais e juntos tem uma média quatrocentos e dezessete de sepultamentos por mês.

O Cemitério da Paz foi inaugurado em 1967 e sua configuração é de cemitério-parque, com uma área de 289.000 m² e de 42.452 sepultamentos. A média de sepultamentos por mês até outubro de 2013 é de 312 sepultados. Ele fica localizado na região Noroeste.

Já o Cemitério do Bonfim é o mais antigo da cidade, inaugurado em 1897. Tem uma média de 17.360 de sepultamentos e possui uma área de 160.000 m². Há muitas pesquisas sobre esse cemitério, pois contém um grande acervo histórico da cidade, onde várias pessoas conhecidas historicamente estão sepultadas, além de suas esculturas artísticas e mausoléus. A média mensal deste cemitério é de 105 sepultamentos.

Escolheu-se entrevistar coveiros desses dois cemitérios, pois cada um atende a populações de classe sociais distintas, podendo haver algumas diferenças que afetassem o trabalho dos profissionais de cada local e que poderiam ser observadas durante a pesquisa. Em cada cemitério existem oito coveiros, sendo que são divididos em dois grupos que trabalham numa escala 12 por 36 horas.

Outro critério utilizado para a escolha desses sujeitos foi o tempo de carreira como coveiro, para que pudéssemos observar gerações de trabalhadores diferentes, e assim notar experiências mais diversas possíveis. Foi considerado como tempo de carreira relevantes para a escolha dos entrevistados: coveiro há, no mínimo, 1 ano, por ser um período que permite a passagem pelo tempo de experiência e o caracteriza como profissional júnior, ainda em fase de adaptações no trabalho; Coveiros com experiência entre 2 a 4 anos, considerados como profissional pleno; Coveiros com mais de 5 anos de profissão, considerados como sênior. Foram entrevistados quatro coveiros, sendo três do Cemitério da Paz e um do Cemitério do Bonfim.

Na primeira fase da pesquisa foi realizado o levantamento bibliográfico para a definição das atividades de campo. Na segunda fase, foi realizado o contato com o diretor do Cemitério da Paz e agendada uma reunião para apresentação do projeto. Na reunião em questão, nos foi entregue a autorização para a realização da pesquisa de campo. Vale ressaltar que o diretor do cemitério supracitado é o mesmo do cemitério do Bonfim. Subsequentemente foram realizadas as entrevistas. Essas foram feitas nos cemitérios, durante o período de trabalho dos coveiros e foram gravadas com o consentimento dos sujeitos, entre o período de fevereiro

e março de 2014. Foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos profissionais. A seguir o perfil dos entrevistados:

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

Nomes fictícios	Idade	Escolaridade	Tempo de profissão	Local de trabalho
Carlos	54 anos	Ensino fundamental	14 anos	Cemitério da Paz
Pedro	33 anos	Ensino fundamental	6 anos	Cemitério da Paz
Saulo	59 anos	Ensino fundamental	32 anos	Cemitério do Bonfim
André	23 anos	Ensino fundamental	3 anos	Cemitério da Paz

Fonte: elaborado pelas autoras

A análise de conteúdo dos registros obtidos nas entrevistas nos permitiu realizar uma reflexão sobre os relatos dos profissionais acerca dos sentidos do trabalho e os desgastes decorrentes do labor dos coveiros, apresentados a seguir.

3 TRABALHO DOS COVEIROS

Segundo a classificação brasileira de ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego, o trabalho do coveiro é apresentado como sinônimo de sepultador, dentro da categoria de trabalhadores auxiliares de serviços funerários (5166). A descrição sumária desse é:

auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério. (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002).

Pedro, coveiro do Cemitério da Paz há 6 anos, afirma que seu trabalho consiste em abrir sepulturas, exumar os corpos e limpar os ossos. Ele explica que na exumação ele precisa *“retirar (os ossos), limpar tudo direitinho os restos dos caixões né, e joga fora e o caminhão vem recolher”*.

Durante a entrevista, ele relata também que conserva e cuida de canteiros, recebendo pagamento das famílias para fazer tal atividade. No entanto, ao final dos enterros, não fecha as sepulturas, essa atividade é direcionada aos fechadores.

Saulo, que atualmente é encarregado da equipe, trabalha no Cemitério do Bonfim há 32 anos e relata que ao longo dos 16 anos que exerceu a profissão de coveiro abria as sepulturas, exumava os corpos, realizava o sepultamento e quando necessário auxiliava nas necropsi-

as. Há 16 anos ele exerce a função de encarregado da equipe de coveiros do Cemitério do Bonfim, mas continua ajudando nos sepultamentos. Segundo Saulo: *“Minha rotina aqui hoje é tomar conta, eu que sou o responsável pelas taxas e também eu tomo conta dos coveiros, eu que mando abrir e fechar e faço os sepultamentos também”*.

Já Carlos, coveiro do Cemitério da Paz há 14 anos, diz que a primeira tarefa realizada ao chegar no trabalho é abrir sepulturas de lotes de família quando houver enterro de algum familiar no dia. Faz-se a exumação dos corpos enterrados, armazenando os ossos em uma urna que continua no túmulo familiar, para que tenha espaço para o próximo sepultamento. Carlos não realiza mais sepultamentos. Há 2 anos é encarregado de levar os caixões até o local do enterro, pois sofre com dores na coluna por causa de uma hérnia de disco adquirida em virtude dos movimentos repetitivos necessários para os sepultamentos. Além desse problema na coluna que traz dores, Carlos e os outros entrevistados também relatam algumas situações que trazem sofrimento e desgastes vivenciados no trabalho como a locomoção dentro do cemitério, que é muito extenso, e algumas vezes as relações difíceis com as famílias enlutadas.

3.1 Sofrimento e trabalho

Este tipo de serviço expõe riscos à saúde desses trabalhadores, dentre os quais se destacam o contato com bactérias devido à decomposição dos corpos e desgastes psicológicos por lidar com cadáveres e com a morte cotidianamente.

Carlos diz que há corpos que começam a “vazar” líquidos corporais ainda no velório, exalando mau cheiro. Nesses casos, ele tenta convencer a família a adiantar o sepultamento já que ocorre o risco de o corpo “estourar” (perder líquidos corporais rapidamente). Em dias de chuva forte ele também tenta adiantar a realização do enterro. Entretanto, fala que na maioria das vezes as famílias o chamam de preguiçoso, como se ele quisesse se “livrar” logo do serviço, e que se alguém tiver uma arma, atira neles.

No que se refere aos equipamentos de proteção individuais (EPI's) Saulo informa que somente quando tem necropsia eles usam máscaras, porque geralmente uma “autoridade” acompanha o processo, e uma roupa que possa ser jogada fora, *“porque o mau cheiro é tanto que entranha na roupa que precisa jogar fora depois, o ser humano fede viu. [...] é difícil, aquela roupa que a gente usa geralmente tem que jogar fora. Ela não presta para mais nada”*. Nas demais ocasiões utilizam o uniforme fornecido pela firma, calça e blusa verde, e uma bota. Em relação à máscara utilizada, quando questionado se ela funciona para filtrar o

mau cheiro Saulo relata que: “*Ah eu acho que não né, mas é a coisa que eles dão para amparar na hora né, não é tão correto não, mas...*”

Outro aspecto que está relacionado ao sofrimento e trabalho é questão da morte. Kovács afirma em um documentário do *National Geographic Channel*⁴, exibido no ano de 2013, chamado de “Tabu Brasil: Cadáveres” que “há um medo de contaminação psíquica também da morte”. A morte causa nojo, repulsa e horror e de certa forma o mal-estar relacionado a ela, acaba sendo “transferido” para os trabalhadores, sujeitos do contexto em que vivemos. Como consequência disso há desvalorização deste tipo de trabalho e a falta de cuidado para com esses profissionais, podendo causar desgastes emocionais.

Historicamente, o modo de lidar com a morte na sociedade ocidental foi se modificando ao longo do tempo. De acordo com Combinato e Queiroz (2009), a morte, na Idade Média, era vista como algo natural, fazendo parte do convívio social. Já a partir da Modernidade, a visão que se tinha sobre ela foi se modificando e cada vez mais os mortos foram sendo afastados da sociedade. Com o desenvolvimento do capitalismo, o corpo humano passou a ser visto como instrumento de produção. Neste contexto, a morte passou a significar fracasso, algo improdutivo e impotente.

Outro fator que contribuiu para o distanciamento entre os mortos e os vivos, foi o avanço da medicina, trazendo a revolução higienista. De acordo com Combinato e Queiroz “a revolução higienista radicalizou a separação entre vivos e mortos de tal modo que o convívio entre estas duas condições passou a ser visto como uma fonte extremamente importante de perigo, contaminação e doença” (COMBINATO; QUEIROZ, 2009, p. 210).

Motta explicita a dificuldade de se conviver com cadáveres em nossa cultura: “uma das primeiras práticas socioculturais de que se têm notícia é a ocultação do cadáver como meio de preservar os vivos da decomposição de seus mortos” (MOTTA, 2009, p. 73). Esta visão afeta o modo como os coveiros são percebidos e tratados pela sociedade, já que eles têm contato direto com os corpos mortos.

De acordo com Souza e Boemer, em seu artigo sobre o significado do trabalho funerário, o fato de lidar com os mortos não é uma tarefa fácil para os trabalhadores, pois gera sentimentos de desconforto e pode desencadear alguns problemas de saúde como “dores de cabeça, dificuldades para dormir e alimentar-se, tomar decisões, pensar com clareza, cansaço constante e pensamentos depressivos” (SOUZA; BOEMER, 1998, p. 30). Diante desta dificuldade, os trabalhadores criam meios para enfrentarem esta questão.

⁴ Programa exibido no canal National Geographic no dia 18 de junho de 2013 às 23 horas.

Barros e Silva (2004) afirmam que os legistas que trabalham com os corpos mortos criam mecanismos de defesa. Sendo assim, compreende-se que ocorre o mesmo com os coveiros. Segundo essas autoras, os trabalhadores se afastam emocionalmente, procurando “desritualizar” a morte, “considerando-a como um evento que deve ser enfrentado com atitudes impessoais” (BARROS; SILVA, 2004, p. 326). Os profissionais reduzem os corpos a partes de órgãos, não vendo o corpo como “um todo”, como uma pessoa. Pedro ao exumar os ossos de seu pai disse que comparou com a imagem de que tinha do seu pai vivo e do momento da exumação, que era “só osso”.

Segundo Dejours (2004) as estratégias coletivas de defesa no trabalho proporcionam aos trabalhadores a capacidade de resistir ao sofrimento advindo do trabalho. Elas surgem na cooperação entre trabalhadores para superarem as contradições desse contexto. De acordo com Souza e Lisboa as estratégias levam a modificações, transformações e, em geral, à eufemização da percepção que as pessoas têm da realidade que as faz sofrer. Elas objetivam mascarar, conter e ocultar um sofrimento. Dessa forma, as defesas configuram uma forma de adaptação às pressões do meio (SOUZA; LISBOA, 2002, p. 427).

Pedro diz que os coveiros “brincam” entre si como forma de amenizar a relação com a morte. Também afirma que se tornou “natural” lidar com os corpos e a morte. Relata que algumas vezes se comove com alguns sepultamentos, principalmente de crianças.

Outras formas que se apresentam como mecanismos de defesa são a religião e o uso constate e abusivo de álcool. Pedro comentou que alguns coveiros bebem para aguentar fazer as tarefas. Carlos contou que antigamente bebia e que muitos colegas bebem ainda escondido dos chefes. De acordo com Seligmann-Silva citado por Barros e Silva o álcool é recorrentemente consumido como forma de “anestesiá-lo sofrimento psíquico” vivenciado em situações de trabalho nas quais são submetidos a pressões de chefia, a grandes riscos, a uma alta exigência de atenção e/ou de responsabilidade, além de outras situações ansiogênicas ou constrangedoras (SELIGMANN-SILVA apud BARROS; SILVA, 2004, p. 318).

Alguns coveiros afirmam que acostumaram com este fenômeno. Quando questionado sobre ser mais fácil lidar com a morte por fazer parte de seu contexto de trabalho, Saulo relata que “*pode ser viú, talvez se eu não trabalhasse aqui eu ia sentir mais né, mas como eu já trabalho esses anos todos eu já estou acostumado*”.

Outros fatores que estão presentes no sofrimento do coveiro são a invisibilidade social e preconceito. Alguns autores que fizeram estudos sobre outros trabalhadores que se encaixam na mesma categoria de ocupação (CBO) concluíram que tais trabalhadores, sofrem pre-

conceitos pelo fato de suas atividades estarem envolvidas com a morte e serem consideradas como risco de contágio.

A antropóloga e socióloga Érica Silva afirma, em seu trabalho sobre os coveiros de um cemitério em Florianópolis, que:

O mesmo tabu que recai sobre a morte e os mortos incide sobre eles. Além de marginais, esses profissionais são também discriminados. Situam-se num espaço fronteiro: vivem da morte. Impuros e perigosos, são considerados socialmente inadequados. Em nome da higienização moderno-contemporânea, esses homens-tabus, assim como o lixo e os presos, devem ser expurgados do convívio social. (SILVA, 2009, p. 246).

Esse preconceito pode ser retratado pelas falas dos entrevistados. Pedro disse que passou a olhar para os coveiros de forma diferente depois que passou a trabalhar no cemitério, mas antes disso ele dizia que ficava “ressabiado”:

[...] tinha o J. que trabalhava aqui, eu mesmo já não gostava de conversar com ele. O J., coveiro do Consolação...meu pai cumprimentava ele e eu já saia fora...já não ficava muito próximo dele, entendeu? Hoje a gente brinca: “pode matar que Pedro enterra”. (Pedro).

Com a experiência Pedro afirma que passou a dar valor ao seu trabalho: *“Ah só o jeito que eu via o caixão, o cheiro da flor...aquilo ali me enojava já...entendeu? eu não sabia que era isso aqui hoje que eu vejo, entendeu? Tem que dar muito valor”*.

O trabalho tem também um papel importante na construção da subjetividade do trabalhador, que se dá através da tentativa de superar as dificuldades impostas pelo trabalho que não está prescrito e assim para realizar as tarefas.

Segundo Lancman e Dejourns (2004) o trabalho é gerador de sofrimento pois ele leva o sujeito ao confronto entre o mundo interno e o mundo externo do trabalhador. Ainda de acordo com os autores, isso ocorre porque há uma distância entre trabalho prescrito e trabalho real. Não é possível prever todos os acontecimentos que envolvem a realização do trabalho. Então, o trabalhador, ao se deparar com a falta de prescrição, ele sofre. Esse sofrimento levará ao sujeito a se mobilizar para superá-lo, fazendo com que ele busque uma forma singular e as vezes, particular e criativa para tal e assim realizar propriamente a tarefa. Ainda de acordo com o autor, “trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real” (DEJOURS; LANCMAN, 2004, p. 64). Para preencher essa lacuna é preciso que o trabalhador use sua

criatividade e inventividade, o que Dejours (2004) chama de engenhosidade. Sendo assim, o sujeito precisa tentar produzir um saber fazer que é seu.

Segundo Dejours, o sofrimento “implica um confronto com o real que se deixa conhecer por sua resistência a se submeter aos conhecimentos e às diferentes formas de saber-fazer” (DEJOURS, 2004, p. 304). A partir deste confronto que pode ser a origem do sofrimento, este último pode se tornar prazer na medida em que existe a possibilidade de ser superado. Deste modo o sujeito trabalhador supera o sofrimento advindo do real do trabalho, produzindo vivências subjetivas em seu labor. Segundo Dejours e Bègue “trabalhar não é apenas produzir, é também produzir –se a si mesmo” (DEJOURS; BÈGUE, 2010, p. 41). Ainda de acordo com os autores:

O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, *saber fazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc. (p. 28).

As formas variadas de lidar com as famílias enlutadas estão além da prescrição do trabalho do coveiro, que está limitada a preparação e sepultamento dos mortos. Esses profissionais, ao fazerem parte do ritual de passagem realizando os sepultamentos, precisam desenvolver um modo de lidar com as famílias enlutadas num momento que muitas vezes são difíceis para as mesmas. Os entrevistados relataram que muitas delas os veem como culpados por suas perdas, outros, porém, fazem amizades com os familiares. Carlos, coveiro do Cemitério da Paz há 14 anos, relata que:

as vezes eles vêm, te xinga você, o modo de você pegar, o modo de você fazer, fala que é porque não é coisa da gente, te xinga mas depois eles mesmo vêm e te pede desculpas, porque é um momento, é uma perda difícil, por máximo que você tenha de razão a prioridade é deles porque é um sentimento né.. Você vê, estava ali um ente querido, a pessoa não tem cabeça pra isso não. Entendeu, então muita coisa a gente releva.... (Carlos).

Já Pedro, coveiro do Cemitério da Paz, disse que “*tem família aí oh que tem eu igual filho, precisa de ver. Deixou até escrito aí pra... tá lá no escritório...é até na quadra 7...que quando eu morrer pra...a sepultura é da família, pra quando eu morrer, ser enterrado lá*”.

Como citado anteriormente, a partir desse confronto advindo do relacionamento com as famílias enlutadas, o mesmo pode ser fonte de fortalecimento psíquico, uma vez que expõe esses trabalhadores a uma situação crítica, mas que pode ser superada. No entanto, se não for

possível sua superação, esse evento pode se tornar patogênico, pois o sofrimento cotidiano poderá se tornar insuportável, acarretando possíveis adoecimentos.

Outro conceito apresentado pela psicodinâmica para essa reflexão é a cooperação. Esta consiste em construções de estratégias entre os trabalhadores para superar juntos o sofrimento vivenciado no trabalho. A cooperação possibilita o reconhecimento do trabalhador por seus colegas de trabalho, dando um sentido às atividades realizadas em seu cotidiano e a si mesmo como trabalhador. A transformação do sofrimento em prazer está ligada a este reconhecimento.

Portanto se faz importante procurar compreender o significado que o trabalho de coveiro tem para essas pessoas e o que os leva a se manter nessa função. É importante saber quais vivências e experiências subjetivas esses trabalhadores têm deste trabalho que os mantém saudáveis, fazendo com que superem os desafios cotidianos.

3.2 Reconhecimento

O desenvolvimento desse processo de tornar sofrimento em prazer está relacionado ao reconhecimento do outro sobre si e sua atividade. Segundo Dejours:

O reconhecimento implica o julgamento dos pares, que só é possível caso exista um coletivo ou uma comunidade de pares. Assim, o coletivo aparece como um elo de suma importância e o ponto sensível da dinâmica intersubjetiva da identidade [...]. (DEJOURS, 2004, p. 75).

O reconhecimento é uma retribuição de natureza simbólica esperada pelo sujeito devido a sua contribuição em superar os desafios do trabalho. Essa retribuição passa pela reconstrução dos julgamentos relacionados ao trabalho realizado. São eles o julgamento de utilidade e o de estética. O julgamento de utilidade está relacionado a linha hierárquica dentro da organização (chefes e subordinados), que envolve a contribuição de utilidade econômica, técnica e social que o trabalhador proporciona aos chefes. Enquanto o julgamento de estética está relacionado aos colegas e membros da mesma equipe, que envolve regras do ofício. O reconhecimento pode levar o sujeito ao sentido de realização de si mesmo e de suas expectativas. Se não houver reconhecimento “os indivíduos engajam-se em estratégias defensivas para evitar a doença mental, com sérias consequências para a organização do trabalho, que corre o risco de paralisia” (DEJOURS, 2004, p. 77).

Esse reconhecimento surge entre os coveiros, tanto do Cemitério da Paz como no do Bonfim. Saulo coveiro do Cemitério do Bonfim há 32 anos disse que:

Comigo todo mundo é muito entrosado, eles gostam demais de trabalhar comigo porque eu sou mais amigo né, não tem discussão nem nada e eu sempre estou na frente pra ver o que está acontecendo, se o cara tiver com problema a gente já deixa ele quieto pra ele acalmar, não brinca com ele, tem dia que o cara chega nervoso ai e tal, mas sempre o cara tá disposto a trabalhar né e assim vai né... (Saulo).

Afirma que seu relacionamento com os colegas é tranquilo:

Muito bom relacionamento meu é muito bom com a turma, todo mundo.. falou “Saulo” é comigo mesmo, todo mundo me conhece aqui, sou amigo de todo mundo e tem aquelas pessoas que as vezes não gostam da gente, mas também largo pra lá, não toco em assunto em nada, só trabalho junto com a pessoa, eu sou muito bem quisto aqui sabe, todas as pessoas que vem fazer entrevista aqui eu tô sempre aqui pra auxiliar. (Saulo).

De acordo com os relatos, os coveiros enxergam as dificuldades (lidar com a morte, lidar com a família dos enlutados), os agravantes (desgastes pela locomoção no cemitério), a falta de materiais e a importância que eles têm para a população. Porém observa-se que há um sentimento de depreciação em relação ao seu trabalho pela sociedade, bem como a invisibilidade, relatada através do sentimento de “desvalorização” da função, pelas famílias durante os sepultamentos. Celeguim e Roesler (2009) afirmam que, a invisibilidade social está relacionada com a visão que se tem de um trabalhador que não tem status social, reconhecimento e salário adequado.

Ao questionarmos sobre esse sentimento, Saulo pergunta: *“você já viu alguma rádio manda bom dia pro coveiro? Não, manda pro padeiro, tudo com P, é padeiro, pedreiro etc, mas.. coveiro não. Só lembra quando a mãe dele morre, um parente ou um cara que trabalha na rádio ai fica anunciando toda hora”*.

Carlos diz:

Não, eu já passei foi raiva assim, humilhação, já humilharam a gente.. O coveiro é uma coisa muito útil para a sociedade, a sociedade que não vê isso, porque sem nós, como que ia fazer pra enterrar o filho do governador, a mãe dele.. você tá entendendo? Então nós temos mil utilidades pra eles, eles não tem pra nós [...]. (Carlos).

André, coveiro do Cemitério da Paz há 3 anos, reclama que o salário poderia ser melhor. Pedro diz que complementa sua renda vendendo escorpiões que captura no cemitério para a UFMG, mas que gostaria que o salário fosse melhor.

Apesar de sentirem essa desvalorização pela sociedade, existe um prazer que faz com esses trabalhadores permaneçam em seu trabalho. Este advém do reconhecimento pelos colegas e chefes pelo seu trabalho, onde há transmissão do seu saber-fazer para os demais colegas

na falta de um treinamento. O reconhecimento é feito pelos chefes (julgamento de utilidade) e pelos colegas de trabalho (julgamento de estética).

Durante a entrevista de Pedro, seu chefe passou em nossa frente e fez uma brincadeira, falando pra ele contar a vez que a “Loira do Bonfim” apareceu para Pedro. Ele riu e relatou:

ai tá vendo, quem vê assim nem fala que é o chefe. Eles são bons demais. [...] É esse plantão que é bom, tem coleguismo, nós somos unidos, entendeu? [...] Almoça todo mundo junto, sempre na brincadeira, entendeu? Também diz que fica depois do horário do expediente quando o chefe pede. É, sempre dá né, porque aqui tem muita guerra e a gente vai por coleguismo mesmo e fica, mas nosso horário é de 7 as 19 mesmo. (Pedro).

Apesar das questões apontadas, os coveiros reconhecem em si mesmos como “coragem” ou como Saulo do Bonfim chama de “DNA”, para lidar com os desafios do trabalho desta profissão essencial em nossa sociedade.

Já Carlos diz que *“se você não tiver um emocional bom você passa mal, então é.. depende do emocional da pessoa”*.

Paulo ressignificou o sentido que dava para coveiro, depois que começou a trabalhar no cemitério, deixando de ter preconceito para valorizar o trabalho que faz. Diz que só sai de lá se aparecer uma oportunidade com salário melhor.

Diante do exposto, o trabalho do coveiro além de essencial para a sociedade, apesar de ter muitos desafios, é possível a construção de uma vida desses sujeitos que tomam suas experiências como corajosas, singulares e emocionantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou refletir sobre algumas questões relacionadas ao trabalho dos coveiros, envolveu articulação de trabalhos de variados temas um tanto complexos, além da grande cooperação desses profissionais em nos relatar seus cotidianos e da gerência de ambos cemitérios.

Os relatos feitos pelos trabalhadores durante as entrevistas apresentaram, além das atividades cotidianas, muitas ações que fogem da prescrição do trabalho, como por exemplo, lidar com as famílias enlutadas. Há relatos de boas e más relações que se estabelecem com os familiares enlutados e algumas vezes, estas podem causar sofrimento quando há discussão, humilhação, confrontos, e outras vezes podem gerar sentimentos de conforto e gratidão.

Outros aspectos do trabalho do coveiro constatados durante a pesquisa, e que foram considerados como desestabilizadores pelos profissionais foram: riscos de segurança, realização de sepultamentos em dia de chuva e baixa remuneração. Um destaque quanto aos desgastes do trabalho previsto para os coveiros foi a exumação de corpos para necropsia que geralmente ainda estão em processo de decomposição. Todos os entrevistados relataram mau cheiro e que já tiveram contato com líquidos corporais durante a realização dessa tarefa pela falta de equipamentos de proteção adequados, tais como máscaras e vestimenta.

Apesar das graves vulnerabilidades apresentadas, a principal queixa dos profissionais entrevistados é o pouco reconhecimento da sociedade sobre a importância do trabalho do coveiro.

Uma estratégia defensiva que surgiu durante as entrevistas e observações foi a cooperação entre os coveiros como uma forma de tornar suportável o que é da ordem do repugnante em nossa cultura: a lida com o corpo morto e em decomposição. Houve relatos das relações com os colegas de serviços que demonstram bons relacionamentos, coleguismo e cooperação, condições necessárias para a manutenção da saúde mental frente aos desgastes do trabalho de coveiro. Alguns entrevistados disseram que trabalhar com os seus colegas os fazem permanecer neste trabalho. Notou-se principalmente confiança e reconhecimento entre os integrantes das equipes.

Embora os coveiros reclamem da baixa remuneração e da dificuldade de lidar com a morte, a cooperação e o reconhecimento recebido pelos colegas e chefes de trabalho fazem com que os coveiros superem as dificuldades advindas deste cotidiano. Foi possível perceber também que os entrevistados apresentaram dificuldades de relatar situações que aconteceram com eles próprios, sempre relatando a história de um terceiro. Tal fato reforça a ideia da dificuldade de se reconhecerem em situações que causam certo sofrimento psíquico através das relações sociais.

Acredita-se que esta pesquisa compreende os objetivos propostos citados anteriormente, pois abre a possibilidade de instigar reflexões e de aumentar o conhecimento e interesse sobre estes trabalhadores. Porém não esgota a discussão que pode ser desenvolvida sobre o trabalho e saúde mental dos coveiros, podendo fomentar investigações futuras e assim, possibilitando o início de uma construção de conhecimentos mais aprofundados por outros trabalhos acadêmicos, que englobem a relação entre a subjetividade e o trabalho dessa categoria, utilizando outras metodologias afim de encontrar novas maneiras de investigar o meio de trabalho dos coveiros, buscando informações que apontem outros pontos a serem trabalhados e desenvolvidos.

Um ponto que poderia ser estudado futuramente seria o porquê da escolha e permanência na profissão, uma vez que esta é uma questão que não se apresenta claramente no presente estudo, devido a uma dificuldade encontrada de aprofundar a questão com os entrevistados, ao afirmarem que foram trabalhar como coveiros por indicação de alguém. No que se refere à permanência na profissão, as respostas mais recorrentes giraram em torno do trabalho em equipe, mas acreditamos que existem outras razões além dessa.

Outros aspectos que podem ser aprofundados referem-se a questões do risco e exposição a agentes infecciosos das necropsias, exumações, que através de estudos multidisciplinares podem ser melhores investigados.

O trabalho do coveiro, conforme relatos compartilhados e a literatura consultada, possibilita a vida em sociedade. Uma categoria profissional invisível socialmente, cujo trabalho nos permite viver com dignidade frente ao momento do óbito de qualquer pessoa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Vanessa Andrade de; SILVA, Lilian Rocha da. Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 16, p. 318-333, 2004

COSTA, Fernando Braga da. **Garis**: um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Psicologia.

CELEGUIM, Cristiane Regina Jorge; ROESLER, Heloísa Maria Kiehl Noronha. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**, ano, v. 3, 2009.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, n. 2, ago. 2006.

DEJOURS, Christophe; BÈGUE, Florence. **Suicídio e trabalho**: o que fazer. Brasília: Paralelo, v. 15, 2010.

DEJOURS, Christophe. LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal. Christophe Dejours: **da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Paralelo 15; Fiocruz, 2004

LANCMAN, Selma. In: Christophe Dejours: **da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Paralelo 15; Fiocruz, 2004

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2002

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 71, p. 73-93, 2009.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Tabu Brasil: coveiros**. Exibido em junho de 2013.

PÊGAS, Diana de Jesus et al. Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios. **Journal of Nursing UFPE online** [JNUOL/DOI: 10.5205/01012007], v. 3, n. 1, p. 70-76, 2008

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Fundações de Parques Municipais: cemitérios municipais**. Disponível em:
<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=15265&lang=pt_br&pg=5521&taxp=0>.

SILVA, Érica Quináglia. E a tristeza nem pode pensar em chegar. **Revista Antropológicas**, v. 20, n. 1+ 2, 2011.

SOUZA, Kátia Cristina Caparroz de; BOEMER, Magali Roseira. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 27-52, 1998.

SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; LISBOA, Marcia Tereza Luz. Compreendendo as estratégias coletivas de defesa das trabalhadoras de enfermagem na prática hospitalar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 6, n. 3, p. 425-435, 2002.